



remaea

***Para onde foram as andorinhas?* Cinema indígena como estratégia de ensino das mudanças climáticas**

Janelene Freire Diniz¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5396-5576>.

Clarides Henrich de Barba²

Universidade Federal de Rondônia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2950-9033>.

Resumo: Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia. O presente texto tem por objetivo relatar uma intervenção a partir do filme *Para onde foram as andorinhas?*, protagonizado por indígenas do Parque do Xingu, produzida pelos Institutos Socioambiental e Catitu. A produção apresenta as consequências vivenciadas pelos povos que habitam o Parque, decorrentes de mudanças climáticas resultantes das práticas insustentáveis realizadas no seu entorno. Posteriormente à exposição do filme, realizaram-se rodas de conversa para refletir coletivamente sobre seu conteúdo. Participaram da proposta oito estudantes das licenciaturas em Biologia e em Química e sete servidores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, do *Campus* de Guajará-Mirim. Os resultados apontaram que, no ensino da Educação Ambiental, o cinema indígena suscita reflexões e contribui para a construção de uma consciência ecológica, em prol de um mundo mais sustentável.

Palavras-chave: Consciência ecológica, sustentabilidade, educação ambiental.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília. Mestre em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional da Universidade Federal de Rondônia (PPGEEProf/UNIR). Especialista em Educação Ambiental pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Licenciada em Química pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Servidora técnica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. E-mail: janelene.diniz@ifro.edu.br.

² Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Rondônia. Professor titular da Universidade Federal de Rondônia. Chefe do Departamento Acadêmico de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia. Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Ambiental no Contexto Amazônico, localizado na Universidade Federal de Rondônia. E-mail: clarides@unir.br.

¿A dónde fueron las golondrinas? El cine indígena como estrategia para la enseñanza del cambio climático

Resumen: Este es un extracto de una investigación de maestría vinculada al Programa de Postgrado em Educação Escolar de la Universidad Federal de Rondônia. El propósito de este texto es relatar una intervención basada em la película *¿A dónde se fueron las golondrinas?*, protagonizada por indígenas del Parque Xingu, producida por los Institutos Socioambiental y Catitu. La producción presenta las consecuencias que viven las personas que habitan el Parque, resultados de los cambios climáticos derivados de prácticas insostenibles llevadas a cabo en sus alrededores. Después de la proyección de la película, se realizaron círculos de conversación para reflexionar colectivamente sobre su contenido. De la propuesta participaron ocho estudiantes de las carreras de Biología y Química y siete funcionarios del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rondônia, em el Campus Guajará-Mirim. Los resultados mostraron que, en la enseñanza de la Educación Ambiental, el cine indígena suscita reflexiones y contribuye a la construcción de conciencia ecológica, a favor de un mundo más sostenible.

Palabras-clave: Conciencia ecológica, sostenibilidad, educación ambiental.

Where did the swallows go to? Indigenous cinema as a strategy for teaching about climate changes

Abstract: This is an excerpt from a master's degree research linked to the Postgraduate Program in School Education at the Federal University of Rondônia. This text aims to report an intervention based on the film *Where did the swallows go?*, starring indigenous people from the Xingu Park, produced by the Institutos Socioambiental and Catitu. The production presents the consequences experienced by the people who inhabit the Park, resulting from climate change resulting from unsustainable practices carried out in its surroundings. After the film was shown, conversation circles were held to collectively reflect on its content. Eight undergraduate students in Biology and Chemistry and seven employees from the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rondônia, from the Guajará-Mirim Campus, participated in the proposal. The results showed that, in the teaching of Environmental Education, indigenous cinema raises reflections and contributes to the construction of ecological awareness, in favor of a more sustainable world.

Keywords: Ecological awareness, sustainability, environmental education.

Introdução

O contexto de crises climática e socioambiental que vivenciamos denuncia a urgência da transformação e superação de paradigmas socioambientais vigentes. Nessa esteira de pensamento, percebemos que o modo de produção capitalista - com crescimento desenfreado da economia e superexploração da natureza - é insustentável e vem provocando inúmeros danos ao meio ambiente, dentre os quais estão os mais preocupantes da atualidade: as mudanças climáticas.

A expressão “mudanças climáticas” ficou mundialmente conhecida no ano de 1997, quando o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC - *Intergovernmental Panel on Climate Change*) realizou um importante estudo, cujos resultados já revelavam a ação humana como responsável por alterações significativas do clima, ocasionando desequilíbrios climáticos e ecológicos que poderiam levar a Terra a um caos climático (BERTIER, 2020).

Leff (2016, p. 296) compreende que “a mudança climática aparece como o signo unificador de um processo global de entropização do mundo”. As mudanças climáticas e suas consequências já são inevitavelmente percebidas em todas as partes do globo: ondas de calor severo na Europa, enchentes e chuvas torrenciais em diversas regiões do Brasil, secas intensas e prolongadas... De alguma forma, todos já são afetados por essa situação de crise provocada pelas mudanças climáticas.

O Sexto Relatório de Avaliação do IPCC, lançado em 2022, indica que temos três anos para reduzir a emissão dos gases do efeito estufa, principalmente em razão da queima de combustíveis fósseis, para limitar o aumento do clima da Terra em aproximadamente 1,5°C (IPCC, 2022).

Desse modo, trazer o debate e a reflexão acerca das mudanças climáticas para dentro das instituições de ensino, de modo a articular os processos formativos com as questões socioambientais deve se constituir como responsabilidade de todos os educadores diante da gravidade e da complexidade dessas questões.

Nesse cenário de crise e degradação que marca o nosso tempo, a Educação Ambiental (EA), se constitui como potencializadora e impulsionadora de valores e sensibilidades para a construção de novos saberes, pautados por uma ética de responsabilidade voltada para a consciência socioambiental, para a resistência crítica em favor de mecanismos de transformação e emancipação, no desenvolvimento de ações educativas comprometidas com a construção de relações sociais humanamente desejáveis e ecologicamente prudentes.

Carvalho (2012) entende a EA como uma proposta educativa, que emerge em um período histórico altamente complexo, em uma tentativa de responder aos sinais de falência de uma forma de vida que não mais sustenta as promessas de felicidade, afluência, progresso e desenvolvimento.

Este artigo resulta de uma intervenção realizada durante a pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional da Universidade Federal de Rondônia (PPGEEProf/UNIR) - aprovada nos Comitês de Ética da Universidade Federal de Rondônia e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. Na referida pesquisa, caracterizada como qualitativa, buscamos promover a

construção de saberes acerca das mudanças climáticas a partir do cinema indígena. Participaram da proposta oito estudantes dos cursos de Licenciatura em Biologia e Licenciatura em Química e sete servidores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

Em nossa concepção, promover aproximações junto aos povos indígenas tradicionais e reconhecer sua visão não fragmentada na sua forma de estabelecer relações com a natureza pode contribuir, de forma significativa, para que desenvolvamos uma compreensão da vida na sua totalidade, de maneira que possamos buscar construir modos de vida mais sustentáveis e saudáveis.

Mudanças climáticas: uma reflexão necessária

As mudanças climáticas colocam em evidência que é preciso, urgentemente, mudar nossa forma de caminhar, bem como seguir em outra direção. É indispensável romper com a lógica capitalista que orienta a vida em função de interesses econômicos e se limita a tratar a natureza como uma mera fonte inesgotável de recursos naturais (LEFF, 2010).

Lima e Layrargues (2014) compreendem as mudanças do clima como uma problemática mundial de interesse público, que envolve a todos os humanos, afetando, igualmente, a vida não humana. Dada a sua complexidade e relevância, requerem respostas e soluções de todas as esferas da sociedade, políticas, econômicas e culturais, dos governos e organismos internacionais, dos movimentos sociais de todos os matizes, das empresas e dos centros de pesquisa, das mídias e dos educadores.

Stengers (2015) aponta que o passar dos últimos anos evidenciou a mudança climática global; o que outrora era tratado como eventualidade, revela-se como realidade ou, como nos diz a autora, essa “verdade inconveniente”, como bem nomeada, agora é urgente.

O cenário de crise climática materializada nos desperta para a necessidade de forjar outros modos de vida, apontando para a emergência do desenvolvimento de outras maneiras de ser/estar no planeta. Para tanto, é essencial que busquemos potencializar ações que possibilitem frear a emissão dos gases do efeito estufa, de modo a minimizar os impactos das mudanças climáticas. Nesse sentido, Leff (2016, p. 296) analisa que:

A marcha progressiva rumo à mudança climática não aparece apenas como a manifestação de leis universais e inelutáveis (da natureza, da cultura); a morte

entrópica do planeta aparece como o desencadeamento de processos gerados, insuflados e dirigidos por uma racionalidade econômica construída historicamente – a Modernidade fundada sobre as bases da metafísica e da ciência -, que conduziu à racionalização tecno-econômica do mundo desconhecendo as condições da vida.

Dessa forma, em acordo com o pensamento do autor, a fim de evitar a morte entrópica da Terra, é indispensável superar esse processo de desconhecimento das condições de vida do nosso planeta; é essencial unir esforços na desconstrução da racionalidade tecno-econômica do mundo que partilhamos, transcender as amarras desse mundo moderno, mecânico, individualista e globalizado que se consolidou mundialmente.

A mercantilização dos recursos naturais e da própria vida, tão naturalizada no mundo moderno, degrada o planeta e ameaça a dinâmica da existência. De acordo com Leff (2016, p. 293),

O avanço rumo ao abismo climático conclama a uma reflexão sobre a responsabilidade social diante do curso tomado pela tecnociência e a capitalização da natureza na evolução da vida e da biodiversidade; sobre as consequências da intervenção ecológica da vida nas condições de sustentabilidade da vida humana no planeta vivo que habitamos.

Nessa luta pelo clima, em prol da defesa de modos de vida mais sustentáveis, é indispensável nos descobirmos enquanto parte e responsáveis dentro desse enredo criativo e complexo. Todos nós precisamos estar engajados, cobrar dos governos a parte que a eles cabe, bem como envolver todos os segmentos da sociedade, para que possamos tecer um novo modo de ser e existir pautado em uma ética humana e ambiental.

Nesse encadeamento de pensamento, Stengers (2015, p. 13-14) nos revela que:

A partir de agora nós “sabemos”, e certos efeitos doravante observáveis já forcem os climatologistas a modificar seus modelos e suas previsões. Assim, o derretimento das geleiras está acontecendo muito mais rápido do que o previsto, tanto no Ártico como na Antártica, e os glaciologistas precisam corrigir seus modelos simplistas demais sobre o assunto. Quanto à taxa de CO₂ na atmosfera, ela progride de tal modo que, aparentemente, o aumento das emissões não é mais a única coisa em questão. Admitia-se que o aquecimento poderia levar a uma diminuição da capacidade dos oceanos e das florestas tropicais para absorver o gás emitido, o que é um desses temíveis mecanismos de retroalimentação positiva apresentados pelos modelos, cuja ativação devia ser evitada, pois aceleraria e amplificaria o aquecimento. Parece que isso já vem acontecendo. Os modelos devem ser corrigidos, as previsões mais pessimistas produzidas pelas simulações têm mais probabilidade de acontecer. Em suma, estamos, nessa nova época, diante não apenas de uma natureza “que deve ser protegida” contra os danos causados pelos homens, mas também de uma natureza capaz de incomodar, de uma vez por todas, nossos saberes e nossas vidas.

Essa nova realidade de crise climática e socioambiental que nos é imposta, resultante, principalmente, de ações antrópicas, nos alerta para a urgência de transformação e mudança nos modos de vida mundialmente consolidados. Os impactos ambientais que se desvelam através das mudanças climáticas já são evidentes e suas consequências afetam a todos, em especial aos mais vulneráveis. Dada a sua importância, não podemos permanecer inertes.

É urgente trazer essa importante temática e seus desdobramentos para o centro dos processos educativos, de modo a proporcionar, na escola, espaços de formação e construção, numa perspectiva ecológica, de sujeitos que possam ser capazes de refletir, reconhecer e produzir outras formas de existência. Conforme Ashaninka e Kaxinawá (2006, p. 24) “Precisamos cuidar da floresta, das plantas, dos animais, dos rios, dos povos que vivem dentro. Tudo isso para a sobrevivência do planeta”.

Cinema e vivências indígenas na Educação Ambiental: diálogos possíveis

De acordo com Sanchez (2012), não é recente a utilização do cinema no ensino no nosso país, o que data entre as décadas de 1920 a 1930, na ocasião das reformas Fernando de Azevedo (1928) e Francisco de Campos (1931) e da criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), em 1936.

A presença da representação do indígena brasileiro ocorre desde os primórdios do cinema no Brasil. Segundo Nunes, Silva e Silva (2014, p. 2),

As representações cinematográficas de indígenas vêm se configurando como fenômeno moderno e global crescente desde o início do século XX até o atual momento do século XXI segundo, respectivamente, dois básicos momentos e modos históricos: a) a temática indígena abordada por cineastas não indígenas; b) a temática indígena produzida por cineastas indígenas. O primeiro momento, predominante durante o século XX, faz parte de um contexto hegemônico relacionado às produções cinematográficas nacionalistas e imperialistas como um dos mecanismos políticos-culturais dos Estados e sua elite para a continuação do processo global de colonização. O segundo momento, como uma marca do século XXI; apresenta um modo possivelmente contra-hegemônico de proceder com as representações cinematográficas acerca de temáticas indígenas. Seu caráter principal está no fato de os processos produtivos não mais estarem majoritariamente nas mãos de cineastas não indígenas. Por iniciativa de alguns desses, em todo mundo, alguns indígenas ou aborígenes foram iniciados na arte e na indústria do cinema no âmbito de suas questões nacionais e globais; especialmente por meio do ensino-aprendizagem de técnicas de manipulação de câmeras, de direção, de elaboração de roteiros e de edição de vídeos. Esse tipo de

formação vem possibilitando a emergência de uma cinematografia indígena diferente a partir de mudanças sobre temas, narrativas, personagens, atores no âmbito das problemáticas indígenas na Modernidade.

Assim, as produções que constituem esse segundo momento vêm oportunizando o fortalecimento do movimento identitário dos povos indígenas, promovendo a visibilidade de sua diversidade, de suas riquezas culturais, de suas lutas e saberes.

No nosso país, desde 1980, várias produções de filmes - entre médias e curtas metragens, já foram realizadas. As produções simbolizam um marco histórico: a criação da produção cinematográfica indígena pelos próprios indígenas, que, pioneiramente, passam a ter a possibilidade de atuar na sua constituição como sujeitos de suas representações cinematográficas, autores de suas narrativas, podendo criar suas respectivas imagens para divulgação na sociedade, alcançando não indígenas e indígenas (NUNES; SILVA; SILVA, 2014).

No indispensável processo de mobilizar outras formas de pensar e agir em relação ao meio ambiente, os povos indígenas, com seus saberes e vivências tradicionais, muito podem nos ajudar. Diante do contexto global de crise ambiental e social provocado pelas práticas capitalistas, as vozes desses povos têm ecoado com força e nos apontam caminhos para outros modos de existir. O seu protagonismo na luta em defesa da floresta, do território, da vida e dos seus modos integrados de vida vêm ganhando cada vez mais espaço nas telas, através de produções cinematográficas, algumas delas já premiadas internacionalmente, nas redes e movimentos sociais.

As práticas de cuidado de si e do meio ambiente - marcantes nos modos de vida dos povos indígenas tradicionais - e a responsabilidade individual/coletiva de zelar pela preservação dos recursos naturais se revelam como práticas de EA. Partilhamos o mesmo lar: o planeta Terra e o compromisso de cuidar da natureza deve ser de todos. Somos todos responsáveis pela continuidade da vida. Nesse entendimento, Urruth e Calixto (2018, p. 589) afirmam que:

As formas de cuidar de si mesmo e do lugar, presente entre os indígenas assemelha-se com a prática da EA, isto é, a prática e os processos de relação entre a sociedade e o ambiente de forma harmônica. No entanto, faz-se necessário algumas observações. Os indígenas têm a percepção do todo, não fragmentando os diferentes espaços para o cuidado de si mesmo. Porque quando cuida de si mesmo, cuida-se de todas as formas de vida. Uma oca é comum a todos. A oca, neste caso, o planeta Terra, é compartilhado, por isso o cuidado deve vir de todos.

Uma consciência integrada da vida, uma visão do mundo como um todo, uma existência que não aniquila, não oprime as outras formas de vida, um ser/estar que permite que o outro seja, num movimento sensível e harmonioso de conexão com o território, com a natureza, com a ancestralidade, em que o cuidar é uma responsabilidade partilhada com todos. Para os indígenas, não existe separação: tudo está interligado. Mesmo etnias que passaram por mudanças culturais possuem forte ligação com a terra (SILVA; FILHO; GONDIM, 2008).

Nas sociedades indígenas tradicionais, imperam sentidos e significados mais profundos da existência, que mobilizam os coletivos pelo bem-estar de todos. Há respeito por todos os organismos vivos, preza-se pela preservação da vida dos animais, dos rios, das matas. Em todos os espaços, a terra é sagrada, não é mercadoria, e os indígenas se compreendem como parte da natureza. Nessa linha de pensamento, Urruth e Calixto (2018, p. 588) dizem que “a partir desta compreensão, percebemos que nós, indígenas, não nos separamos da natureza. Não temos, como os que não são indígenas, a pretensão de gerir e usar a natureza de forma mercantilista”.

Esses povos não reconhecem esse regime econômico imediatista, que enxerga a natureza como utilitária, que mercantiliza os recursos naturais, que centraliza seus objetivos em lucros, sem se importar efetivamente com os impactos ambientais causados por tais práticas. Para Urruth e Calixto (2018), a EA se revela nos modos de existência dos povos indígenas, nos seus modos de vida. Só foi possível resistir e sobreviver diante de todos os processos de extermínio, de catequização e civilizatório a partir do entendimento e trocas com a natureza. Essa relação é sanguínea, pois a terra é vista como mãe, corre por suas veias e artérias. O seu sangue é a terra. Nesse sentido, Munduruku (2009, p. 29) explica:

Os povos indígenas têm uma coisa em comum: uma mensagem de amor pela Mãe Terra, de apego às raízes ancestrais transmitidas pelos rituais; um profundo respeito pela natureza, buscando caminhar com ela por meio de um conhecimento das propriedades que nos oferece e com as quais sustenta cada povo, como uma mãe amorosa que sempre alimenta seus filhos.

Uma concepção profunda, repleta de encantamentos e cheia de significados, fundamentada na reverência e no respeito com a terra, uma forma solidária e sustentável de existir, em que o ser humano é parte, é um fio em um todo que compõe a trama da vida. Na

condição de filhos, não devemos, portanto, nos colocar em uma postura de dominação da natureza, mas sim numa posição de união, de proximidade, de escuta e reconhecimento de tudo aquilo que gentilmente nos é oferecido com amor e generosidade pela nossa Mãe Terra. Como nos declara o chefe indígena Seattle (1855, p. 1), “[...] a Terra não pertence ao homem, é o homem que pertence à Terra”.

Nesse enredo pulsante, que envolve e mobiliza, Munduruku (2009, p. 29) nos revela: “a tradição ancestral nos apresenta a Terra como o ventre de que nós saímos, o solo do qual nos alimentamos e o coração a que retornaremos e em qual encontraremos os entes queridos que conosco conviveram durante sua passagem pela Terra. Por isso, ela é sagrada [...]”. Assim, uma percepção que sensibiliza e potencializa um elo firmado na integração do ser humano com a vida que o cerca, com a Terra que o gera, com o chão que o sustenta e com o eterno que o espera. Uma vivência na qual todos os seres e todas as coisas estão interligados, em que predomina o senso comunitário de responsabilidade individual e coletiva sobre tudo o que existe.

A relação exploratória do não indígena com a natureza gerou o que chamamos de crise socioambiental, originada pela superexploração e má gestão dos recursos naturais. Sabemos que nossa sobrevivência depende da natureza; sendo assim, é indispensável que busquemos a construção e a aplicação de práticas de uso sustentáveis dos seus recursos, de maneira que não seja comprometida a qualidade do meio ambiente, que se assegurem condições favoráveis à continuidade da vida das futuras gerações, bem como do próprio planeta.

Carvalho (2012) afirma que a EA desperta sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas, possibilitando compreender o mundo numa perspectiva ambiental, sendo instituída como mediadora para múltiplas concepções da experiência do indivíduo e dos coletivos sociais em suas interações com o ambiente. Nesse sentido, entendemos que há uma necessidade enorme de inserir a EA nos diversos segmentos da nossa sociedade; reconhecemos, ainda, a potência de utilizarmos produções cinematográficas protagonizadas por indígenas, que apresentam os modos de vida desses povos, bem como refletem as problemáticas socioambientais vivenciadas e enfrentadas pelos diferentes povos, devido, principalmente, às interferências dos não-indígenas.

***Para onde foram as andorinhas?* Refletindo as mudanças climáticas a partir do cinema indígena**

Enxergamos no cinema indígena um potente procedimento de envolvimento mobilizador de saberes socioambientais; nesse contexto, oito estudantes dos cursos de Licenciatura em Biologia e Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, do Campus Guajará-Mirim, e sete servidores que demonstravam interesse pela temática e voluntariamente aceitaram participar de nossa investigação, foram convidados a assistir ao filme *Para onde foram as andorinhas?*. Uma produção de 2015, protagonizada pelos povos indígenas que habitam o Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso, produzida em parceria com os Institutos Socioambiental e Catitu. Com sensibilidade e clareza, o filme apresenta como esses povos estão sendo diretamente afetados em seu cotidiano pelos impactos das mudanças climáticas, devido às práticas insustentáveis aplicadas fora do Parque.

Dentro do Parque, os indígenas, com seu tradicional sistema de manejo do território, preservam as florestas; porém, no entorno do Parque, cerca de 90% da vegetação nativa já foi derrubada e convertida principalmente em soja, milho e pasto. As consequências das mudanças climáticas, decorrentes do desmatamento, das monoculturas, do uso excessivo de agrotóxicos em torno do Parque e da construção de barragens já são sentidas pelos indígenas; o clima, cada dia mais quente, interfere na agricultura, com ciclos de seca cada vez mais longos, alimentos estragando muito rápido por conta do calor excessivo, além de incêndios frequentes na região.

Para os povos originários, a fragmentação do mundo não faz sentido algum, pois eles possuem uma visão integrada da realidade, conseguem perceber facilmente o que nós, ocidentais, não indígenas, relutamos em enxergar: a vida como um todo, uma trama, o ser humano como parte do ambiente. Essa forma de pensar é revelada nos modos de vida desses povos, na sua luta em defesa da floresta, nas suas vozes, que parecem ecoar ainda mais alto e forte diante da crise climática e socioambiental que vivenciamos. Conforme aponta, Kayabi *et al.* (2011, p. 11), “enquanto povo indígena, convivemos com o meio ambiente, natureza e território. O não índio não vive assim. Nós não separamos ambiente, natureza e território porque nós viemos desses três elementos e valorizamos o que temos”.

Voltamos nosso olhar, mais uma vez, para a sabedoria originária que se revela nas palavras do chefe indígena Seattle (1855), quando ele nos diz que todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Tudo o que acontecer com a Terra recairá sobre os filhos da Terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios.

Para onde foram as andorinhas? revela que as mudanças climáticas intervêm de forma intensa e direta nos modos de vida dos povos xinguanos habitantes do Parque, ameaçando sua existência, uma vez que sua base alimentar está sendo prejudicada, seus costumes estão sendo comprometidos, suas formas de orientação no tempo, sua cultura material e até seus rituais estão ameaçados, pois dependem diretamente dos recursos naturais, gerando grande preocupação com o futuro das próximas gerações. As cigarras já não cantam e as borboletas e andorinhas sumiram. Eles percebem os sinais por toda parte.

Refletir as problemáticas socioambientais provenientes das mudanças climáticas a partir do cinema indígena se constituiu como uma prática educativa potente, capaz de acionar a produção de sensibilidades e saberes nos sujeitos, como podemos observar nas falas dos participantes que acompanharam a exibição do filme. As falas dos sujeitos que participaram das atividades foram assim identificadas: Estudante (E); Servidor Colaborador (SC), seguidas de números para diferenciar cada pessoa. Vejamos:

Eu sempre me emociono muito quando vejo esse documentário. Eu acho muito tocante as palavras dos chefes indígenas, os caciques. Quando ele fala cadê as borboletas? Às vezes a gente pensa assim, mas é uma coisa tão besta, as borboletas, tem muita gente que nem liga para isso, mas existe todo um contexto por trás do sumiço das borboletas. Quando ele fala que o canto das cigarras era o aviso para eles saberem da colheita. Então, são os sinais que a vida na floresta dava para eles plantarem, para eles colherem, para eles viverem e estes sinais estão sendo mortos. Como o cacique fala, não tem mais o canto da cigarra porque os ovos da cigarra morreram queimados (SC2).

Esse filme, esse documentário, pra mim já é um clássico. Eu gostaria muito que outras pessoas tivessem a oportunidade de assistir e ter um momento de reflexão, esse filme, assistir e pensar sobre. Esse momento que estamos tendo para falar sobre é extremamente importante. E a questão do calor também me chamou muito atenção. Uma frase que me chamou atenção: “Por causa do calor as árvores não se sentem bem, por isso não estão florindo. Como vamos saber o tempo da nossa história acontecer se já perdemos os sinais que marcam o tempo? Está mudando o tempo da nossa história”. Acho importante que a gente enquanto não indígenas, assistir e nos perguntar: o que podemos aprender com os povos indígenas? O que esse pensamento totalmente não eurocêntrico, não moderno, ele tem de potente pra gente? Ao invés de entrar numa questão apenas salvacionista, nós vamos salvar os indígenas, eu acho que talvez são eles que precisam nos salvar de nós mesmos, a partir dos seus aprendizados a partir das suas vivências e, mais que isso, como eles

dialogam com isso que se chama de natureza. Eu acho que a gente tem muito, mas muito mesmo, a aprender com eles, porque uma outra lógica, ela é gerida, ela é produzida, uma outra conexão, ela é posta para com a natureza, a natureza não é mais um recurso, porque pros modernos, para a gente a natureza acaba sendo um celeiro, onde a gente vai buscar os recursos e pros povos indígenas, não, pros povos originários, não. Nisso que eu li pra vocês tem um outro lado, as árvores, elas possuem sentimentos, as árvores possuem toda uma sabedoria. E isso é muito bonito de se ver e de aprender com os povos indígenas. Eu acho, assim, que uma das coisas, além do calor, porque uma das temáticas que tem me movimentado muito é o aquecimento global hoje em dia, por isso eu me conectei com a palavra calor, eu acho que é o aprender. O que a gente pode aprender com os povos indígenas? E como foi dito, aprender no sentido não apenas cognitivo, mas no sentido corporal, porque quando eu falo aprender no sentido corporal, eu mudo a minha prática, de mudar o meu corpo, de como o meu corpo, o meu comportamento com a floresta, com o meio ambiente, então eu acho que a gente tem muito o que aprender e agradecer (SC1).

As sociedades indígenas têm um forte elo e conexão com o meio ambiente, estabelecem relações com a natureza, com as demais formas de vida, de modo profundo e respeitoso. Desenvolveram a escuta e o olhar atento aos sinais que a natureza sabiamente revela. Suas culturas se constituem simbolicamente e se materializam entrelaçadas ao meio ambiente onde se fundam. Porém, diante do contexto das crises climática e socioambiental constituído, toda a sua forma de existência e organização social vem sendo lesada.

Esses povos se constituem como potência de saberes socioambientais; assim, nos impulsionam a repensar a visão utilitarista e predatória acerca do meio ambiente e dos recursos naturais consolidada desde a Modernidade. Conforme Kayabi *et al.* (2011, p. 16), “o que nós respeitamos na natureza: as águas, as florestas, os rios, o Cerrado, as nuvens, as terras. Não derrubamos as árvores e desmatamos, não envenenamos as águas. Tudo isso é para nós vivermos, para todos que são vivos.”

Krenak (2020) argumenta que a mudança do clima no planeta afeta a todos: ninguém fica de fora. O autor comenta que, mesmo de forma tardia, uma consciência de que, em diversas localidades do mundo, os povos originários ainda possuem vivências preciosas que podem ser compartilhadas, vem sendo despertada; destaca também que esses povos estão ameaçados. Através da exibição do filme, os estudantes puderam perceber e refletir como os povos indígenas do Xingu vêm sofrendo com o aumento da temperatura em consequência das mudanças, como podemos observar nas seguintes falas:

Eu gostaria de comentar aqui nesse vídeo passado, eu observei que foi falado muito duas palavras: que é a questão do calor, toda hora ele estava falando sobre o calor,

que a mudança com o clima, afetava a plantação, e uma outra palavra que eu também achei muito relevante e me chamou atenção foi preocupação e nesse momento, eu fiquei muito emocionada toda hora preocupação, preocupação. Por conta da interferência dos não indígenas em torno do parque, a vida desses indígenas tem se tornado super difícil, imagina só acordar e ter que se preocupar em como cessar o fogo da floresta, eles têm todo um planejamento para fazer isso e a tradição está sendo prejudicada, eles estão preocupados com as tradições. Estão preocupados com a questão do alimento para os jovens quando eles crescerem, o que vai ter para eles? Uma coisa que eu quase chorei mesmo foi quando eu vi a moradia deles a questão do local aberto, sem proteção, eles falaram que antigamente era fechado, tinham a proteção das árvores, se fosse aqui na cidade? Totalmente aberto lá e eu fiquei muito emocionada mesmo (E2).

Esse documentário, ele é assim, tremendo. Porque ele mexe com a gente mesmo, põe um dedinho na ferida e incomoda. E nós temos, sim, viu, que sentir incomodadas com todas essas questões que estão acontecendo, tá acontecendo com os indígenas, mas o reflexo, ele bate e também bate aqui, bate aí na sua cara também e o que que a gente tá fazendo? O que a gente pode fazer para mudar essa realidade, principalmente dentro da sala de aula? Isso tudo é o que nós temos que nos perguntar, nós temos que nos perguntar a cada instante, porque a temática da Educação Ambiental, ela é para ser trabalhada em todas as disciplinas e a gente tem que pensar, sim, aí eu vou trabalhar com a disciplina x, mas como que eu posso trazer essa questão ambiental dentro dessa disciplina? Como eu posso fazer com que o meu aluno reflita sobre essas questões ambientais e questões não só ambientais, mas socioculturais também, porque uma coisa está relacionada com a outra, como os próprios caciques falaram, está tudo interligado não existe somente nós, seres humanos, apenas branco, preto, amarelo, nós somos um conjunto, um todo (SC2).

Analisando com um pouco mais de atenção, podemos perceber que todos nós já somos afetados de alguma forma pelas problemáticas socioambientais consequentes das mudanças climáticas. Não estamos fora: precisamos nos perceber enquanto parte e responsáveis. Capra (2022, p. 235) assegura que, "pensando sistematicamente, reconheceremos que os principais problemas do nosso tempo são problemas sistêmicos - todos eles interconectados e interdependentes".

Guimarães (2020) compreende a EA como resposta a uma demanda gerada pela crise ambiental, atualmente já reconhecida por grande parte das pessoas no mundo. Apostamos na articulação de saberes e vivências indígenas tradicionais no desenvolvimento de uma EA crítica, transformadora e plural, como estratégia de enfrentamento da crise climática, uma vez que pode contribuir na construção de uma visão sistêmica da realidade, bem como no entendimento dos processos que produzem as problemáticas, para pensar possíveis soluções, podendo colaborar na constituição de um pensamento ecológico, de uma cultura de sustentabilidade nos sujeitos.

Leff (2010) assevera que o sistema capitalista decompõe o pensamento e o conhecimento em indicadores da economia; a natureza é reconvertida em função da economia e sofre a interferência direta da tecnologia; o mundo é coisificado, tudo é concreto e ao mesmo tempo se dissolve no ar. Os povos indígenas se opõem ao capitalismo, pois destruir a natureza em nome do capital é insanidade. Ao destruir a natureza, estamos nos destruindo, comprometendo a vida das futuras gerações. Nesse sentido, Pataxó (2020, p. 71) nos motiva a enxergar além do que o capitalismo nos oferece, uma vez que “[...] nosso sistema de vida indígena se contrapõe ao sistema capitalista que tanto provoca desigualdades e injustiças”.

Ao olhar para os povos indígenas tradicionais, encontramos um bálsamo de esperança de que é possível viver de uma forma mais significativa, fugir dessa falésia de mercantilização da vida, sair dessa postura arrogante de dominação da natureza, naturalizada pela Modernidade, e nos colocar em uma posição de escuta, de compreensão dos sinais que a própria vida desvela, no respeito, na sensibilidade e na solidariedade com todas as formas de vida.

Trazer as problemáticas já vivenciadas pelos indígenas do Xingu constituem um momento significativo de reflexões. Através do filme *Para onde foram as andorinhas?*, os estudantes puderam visualizar as mazelas do agronegócio que avança no nosso estado, as mazelas que não são mostradas nem discutidas, as consequências do desmatamento e as dificuldades trazidas pelas mudanças climáticas. Assim, reconhecendo que a vida está interligada e os ecossistemas integrados, puderam enxergar que existem outros modos de vida, para além do que nos propõe o capitalismo, modos mais sensíveis, ecológicos e solidários de existir. Uma das estudantes teceu o seguinte comentário:

Eu gostaria de falar que se as escolas trabalhassem mais seriamente, colocando os estudantes para pensar sobre essas questões, tipo não só comentar quando tiver datas comemorativas, talvez o mundo, os seres fossem mais responsáveis nessa questão do meio ambiente, enxergando numa dimensão maior, refletindo, como nossas práticas de vida podem prejudicar a sociedade, o mundo. Porque geralmente fica só no imperativo, só mostra apenas tipo: jogue o papel em tal local, jogue o lixo no lixo. Daí só abordam essas coisinhas básicas, na minha escola se eu soubesse o que eu estou aprendendo tanto na matéria de Educação Socioambiental como o que eu estou aprendendo aqui, nossa teria sido maravilhoso! Então é isso que eu queria falar que as escolas poderiam trabalhar de outra forma, estimular os estudantes a pensar, quais mudanças poderiam ser realizadas com as nossas ações? Em que a gente poderia estar melhorando? Poderiam estar ensinando isso nas escolas, a gente

teria um ser humano, formaria um ser humano mais crítico sobre as questões ambientais (E2).

Carvalho (2012) entende que a EA deve auxiliar-nos a compreender o ambiente como um conjunto de práticas sociais atravessadas por contradições, problemas e conflitos que tecem a intrincada rede de relações entre os modos de vida humanos e suas formas características de interagir com os elementos físicos-naturais a sua volta, significando-os e manejando-os.

Guimarães (2020) nos alerta que a predominância de uma visão fragmentada, simplista e reducionista, no âmbito escolar, favorece o desenvolvimento de ações isoladas, pontuais, que se voltam para o comportamento de cada indivíduo, descontextualizando o educador e o educando da realidade socioambiental que envolve a escola. Nesse sentido, é preciso estimular o comprometimento com as questões socioambientais, incorporando-as não de forma imperativa, mas de forma crítica e reflexiva, de modo que possamos desenvolver uma EA participativa, mobilizadora de emoções, de sentidos e de ações que orientem as práticas escolares e as práticas de vida dos sujeitos envolvidos, conforme afirma a estudante:

Eu estou encantada! Eu acho que essa discussão tá sendo levada justamente para o objetivo: a conscientização. Como a professora acabou de falar, tudo tem seu tempo. Às vezes a gente não dá uma atenção para um determinado assunto em uma determinada fase da nossa vida, porque talvez a gente não tenha passado pelas experiências de forma suficiente para compreender essas coisas e aí, mais lá na frente, quando a gente passa, a gente tem uma compreensão melhor sobre isso. E aí eu acho que agora a gente já consegue, na verdade, acho que a gente tá num processo de tentar entender todo esse contexto, para justamente entender o que que a gente pode fazer a respeito e é legal que a gente tá justamente fazendo isso, né? Porque a gente literalmente pensa: tá, mas o que que eu posso fazer? Como a gente falou na semana passada, às vezes a gente fica exigindo muito do outro e não pensa o que a gente pode fazer? A gente exige, espera muito de lá de cima, mas não pensa que a gente pode fazer aqui, que a gente pode fazer na nossa própria casa, na nossa comunidade. Então vê tudo que tá acontecendo naquela hora, que eu iria falar era justamente perceber até que ponto as consequências dos egoísmos vão? Porque as pessoas estão tão preocupadas no produzir capital, produzir capital, gerar produtos para produzir mais capital e não pensam que estão afetando um ecossistema e isso vai fazer diferença, até um bichinho que a gente tira de um lugar, outro que a gente mata, vai fazer diferença, vai fazer diferença em uma cadeia alimentar, vai fazer diferença no ecossistema e às vezes a gente não pensa nisso, então é interessante todas essas reflexões (E1).

Para compreender as problemáticas socioambientais e buscar meios de resolução, precisamos desenvolver uma visão integrada dessas questões, dos ecossistemas e da vida. É

essencial enxergarmos que toda interferência humana no meio desencadeará uma sucessão de acontecimentos. Conforme Capra (1996), quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a compreender que eles não podem ser entendidos isoladamente.

Muitos de nós, não indígenas, principalmente quando vivemos nas cidades, temos dificuldade para reconhecer a gravidade das mudanças climáticas e suas implicações; para visualizar as mazelas que envolvem as práticas do agronegócio; do desmatamento, da mineração e, muitas vezes, as consequências dessas práticas nos atingem de forma indireta, desencadeando enfermidades diversas, mas, ainda assim, não conseguimos desenvolver essa necessária percepção. Kayabi *et al.* (2011, p. 26) assim relata:

No ano de 2005 já estava cheio de soja e milho no entorno. Tudo muito mal. De 1995 a 2000 começou a seca... Teve uma vez que morreram 95 Xavantes por causa da contaminação por agrotóxicos. Em volta tem lavouras. Quando chove vem todo o agrotóxico usado na lavoura para a água de Pimentel Barbosa. Está matando tudo aos poucos.

Os povos da floresta são afetados de forma ainda mais intensa e direta pela crise climática; as atividades econômicas dos não indígenas impactam nos modos de vida desses povos, ameaçando sua existência, conforme analisa Krenak (2020, p. 54),

Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável. Os povos que vivem dentro da floresta sentem isso na pele: veem sumir a mata, a abelha, o colibri, as formigas, a flora; veem o ciclo das árvores mudar. Quando alguém sai para caçar tem que andar dias para encontrar uma espécie que antes vivia ali, ao redor da aldeia, compartilhando com os humanos aquele lugar. O mundo ao redor deles está sumindo. Quem vive na cidade não experimenta isso com a mesma intensidade porque tudo parece ter uma existência automática: você estende a mão e tem uma padaria, uma farmácia, um supermercado, um hospital. Na floresta não há essa substituição da vida, ela flui e você, no fluxo, sente a sua pressão.

As estratégias de superação para essas questões carecem de mudanças de percepção, a partir da construção de uma visão integrada da vida, com um olhar crítico e reflexivo, capaz de enxergar a emergência de estabelecermos outras maneiras de viver, de nos posicionar, de impulsionar reflexões, fundamentados em valores humanos, através de uma reflexão ética para com as demais formas de ser.

Considerações finais

A partir das vivências dos povos indígenas do Xingu, buscamos construir conhecimentos socioambientais acerca das mudanças no clima e seus diversos impactos, promovendo, através das atividades realizadas, contribuições para a formação de futuros docentes numa perspectiva ecológica. Reconhecemos a urgência de estabelecer novas formas de relações com o meio que nos cerca, de promover o desenvolvimento de valores e uma conduta ética e sustentável, despertando para a consciência de que todos temos a responsabilidade de cuidar do planeta.

Na intervenção desenvolvida, nos aproximamos da cinematografia indígena, o que reforçou nosso pensamento de que é possível cultivar a mudança, é possível fazer a diferença na sala de aula, mobilizando os sujeitos na perspectiva dos saberes e vivências indígenas tradicionais. Os povos indígenas - com seus saberes tradicionais, com seus modos de vida integrados, suas sensibilidades e resistência - podem contribuir significativamente na superação da visão fragmentada e desconexa consolidada com a Modernidade.

Os estudantes participaram ativamente dos ricos momentos de discussão e destacaram a importância do desenvolvimento de práticas educativas em EA, de forma reflexiva e articulada com as realidades dos discentes, bem como perceberam que temos muito a aprender com os povos indígenas e seus saberes tradicionais.

Agradecimentos

Agradecemos aos povos originários, à Universidade Federal de Rondônia e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia por oportunizarem a realização da nossa pesquisa. Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação Araucária (FA) pelo apoio financeiro ao projeto de pesquisa “Educação Ambiental e Crise Climática: uma abordagem complexa para o ensino”, base para o dossiê temático em que este artigo foi publicado.

Referências

ASHANINKA, Isaac Pinhanta; KAXINAWÁ, Joaquim Maná. Biodiversidade e sociodiversidade. In: OCHOA, Maria Luiza Pinedo; TEIXEIRA, Gleyson de Araújo (Orgs.). **Aprendendo com a natureza e conservando nossos conhecimentos culturais**. Rio Branco/Acre: Organização dos Professores Indígenas do Acre, Comissão Pró-Índio do Acre, 2006, p. 24-25.

- BERTIER, Flavia Lopes. **Devaneios da fogueira**: os saberes populares associados ao fogo atizam diálogos de Educação Ambiental sobre incêndios florestais, crise climática e Bem Viver. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix. 1996.
- CAPRA, Fritjof. **Padrões de conexão**: uma introdução concisa das ideias essenciais de um dos mais importantes pensadores sistêmicos do mundo contemporâneo. 1ª ed. Trad. Mayra Teruya Eicheberg. São Paulo: Cultrix. 2022.
- CARTA do Cacique Seattle: 1855. (Original em inglês). Context Institute. Disponível em: <http://propostaambiental.blogspot.com/p/carta-do-chefe-seattle-1855-original-em.html> Acesso em: 30 jun. 2021.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: formação do sujeito ecológico. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais** [livro eletrônico]. Campinas: Papyrus, 2020.
- IPCC. **Climate change 2022**: mitigation of climate change. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg3/> Acesso em: 18 mar. 2023.
- KAYABI, *et al.* **Avaliação ecossistêmica do milênio e o pensamento indígena, como os povos indígenas desejam construir o seu futuro**. Cuiabá, MT, 2011. Disponível em: [http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/53_a%20\(texto%20complementar%20t%C3%B3pico%201\).pdf](http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/53_a%20(texto%20complementar%20t%C3%B3pico%201).pdf) Acesso em: 20 maio 2022.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil** [livro eletrônico]. São Paulo: Schwarcz S. A., 2020.
- LEFF, Enrique. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.
- LEFF, Enrique. **A aposta pela vida**: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. LAYRARGUES, Pomier Philippe. Mudanças climáticas, educação e meio ambiente: para além do Conservadorismo Dinâmico. **Educar em Revista**, núm. 3, p. 73-88, 2014. Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155032909006> Acesso em: 20 maio 2023.
- MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem e a cultura brasileira. 1ª ed. São Paulo: Global, 2009.
- NUNES, Karliane Macedo; SILVA, Renato Izidoro da. SILVA, José de Oliveira dos Santos. Cinema indígena: de objeto a sujeito da produção cinematográfica no Brasil. **Polis - Revista Latinoamericana**[Online], 38, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/10086> Acesso em: 04 mar. 2023.
- PATAXÓ, Taquari. De Taquari Pataxó para os brasileiros. In: COSTA, Suzane Lima; KARIRI,

Rafael Xucuru. (Orgs.). **Cartas para o bem viver**. Salvador: Boto-Cor-de-Rosa Livros, Arte e Café, 2020, p. 71-77.

SANCHEZ, Laís Alves. Ensino de história e a temática indígena: o uso do cinema na sala de aula *Uma análise do filme “Terra Vermelha”. **Em Tempo de Histórias**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB), n. 21, Brasília, ago./ jul.2012.

SILVA, José H. Gondim; FILHO, J. H. Gondim; GONDIM, Darla M. **O futuro? ... Foi ontem! ... Uma leitura econômica sobre a insustentabilidade do “desenvolvimento sustentável”**. Brasília: Qualidade, 2008.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. Trad. Eloisa Araújo. São Paulo: CosacNaify, 2015.

URRUTH, Maria de Fátima Nascimento; CALIXTO, Patrícia. Educação indígena e educação ambiental - aproximações: o caso do povo do pássaro azul Shanenawá. **Thema**, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 575-591, 2018.

Submetido em: 15-07-2023

Publicado em: 27-12-2023